

Prezados colegas,

Peço desculpas pelo anonimato deste relato, mas a forma como a minha unidade vem tratando o processo de retomada a partir do Ensino Remoto causa-me insegurança e medo de represálias.

Desde o primeiro momento da pandemia, sem considerar as especificidades de cada professor, suas vidas, suas atribuições, suas conformações familiares, seu estado de saúde e demais marcadores que nos diferenciam, um grupo de administradores da Unidade vem tomando decisões no âmbito do Conselho Departamental, sem a devida consulta aos departamentos. Através das chefias definiram atividades de retomada que apenas foram informadas nas reuniões de departamento, sempre com a alegação de que estávamos sendo pressionados a agir, que não podíamos parar e que coríamos o risco de perder os salários. Nessas reuniões de departamento usavam uma estratégia: as primeiras falas eram sempre dedicadas aos longos informes dos “administradores da unidade” e o tempo que sobrava era para que os demais pudessem se manifestar. Na primeira discordância vinha o aviso da chefia sobre a necessidade de correr, encerrar a reunião porque aquela equipe teria outras ao longo do dia. Esse procedimento foi uma constante no decorrer da pandemia.

Muitos colegas tentaram argumentar que era preciso reconhecer a diversidade do corpo docente, em termos de fluência e acesso tecnológicos, mas também em termos de saúde e de condições emocionais para uma retomada remota. A solução dos administradores foi criar um instrumento de pesquisa disponibilizado exclusivamente no AVA institucional, com a alegação de que os professores precisavam entrar no ambiente (cuja adesão era, naquele momento, ínfima). Ou seja, a tal pesquisa que, entre outras coisas, possibilitaria conhecer as razões pelas quais muitos docentes ainda não tinham entrado no AVA institucional, tornou-se um artifício para que os professores se inscrevessem no ambiente. A justificativa era a de sempre: ordens de cima.

Demoramos a entender que havia unidades tomando outras decisões. Que algumas estavam propondo uma oferta reduzida de disciplinas, outras apenas disciplinas eletivas. No nosso caso, a defesa dos administradores da Unidade sempre foi a de uma oferta robusta e, a partir dessa vontade e desse comprometimento com a burocracia institucional, ignorando a diversidade de docentes e discentes, cobram de forma pouco amigável os planos de aula referentes às turmas/salas que foram criadas sem o debate necessário, agrupando professores de áreas distintas e/ou que não haviam trabalhado juntos ainda, por conta de uma limitação técnica do AVA (a impossibilidade de criar salas para todas as disciplinas). Chegaram a propor que a coordenação do curso, totalmente alinhada com a administração central, elaborasse um documento padrão para que esses planos pudessem ser homogeneizados.

Nas mensagens que temos recebido quase diariamente a retomada por meio do Ensino Remoto parece já decidida nos termos aqui narrados. As chefias pressionam pelo envio dos planos alegando que a nossa carga de TDG precisa ser composta com urgência. Nos grupos, ridicularizam os movimentos contrários ao Ensino Remoto, em especial o dos estudantes. Não há espaço para críticas ou para o debate. Nas reuniões de departamento não estamos entre pares, mas diante de representantes da administração da universidade (colegas que acumulam cargos nas coordenações da Unidade e na gestão central). O anonimato deste relato deve-se a isso: ao temor de represálias administrativas.

Agradeço a atenção dos colegas.